

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro e Raoni Borges Barbosa. "Sobre a sujeira: reflexões etnográficas sobre a cultura emotiva e os códigos de moralidade da cidade de João Pessoa-PB". *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 42, p. 7-21, dez de 2015. ISSN: 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Sobre a Sujeira

Reflexões etnográficas sobre a cultura emotiva e os códigos de moralidade da cidade de João Pessoa - PB

Mauro Guilherme Pinheiro Koury
Raoni Borges Barbosa

Recebido em: 10.09.2015

Aceito em: 30.09.2015

Resumo: Este artigo problematiza a noção de *sujeira* como categoria de análise da cultura emotiva e dos códigos de moralidade de uma sociabilidade específica, no caso, a cidade de João Pessoa – PB. A partir de uma pesquisa em seis cidades brasileiras, de estados, foram produzidos dados etnográficos sobre o ethos e a visão de mundo dos moradores da cidade em relação ao que percebem, aspiram e denunciam como *sujo* e *sujeira*. A reflexão etnográfica pode compreender, desta forma, aspectos relevantes dos processos de disputas morais que caracterizam a construção de projetos individuais e coletivos na sociabilidade urbana da cidade. A noção de *sujeira* abarca um enquadre não somente moral, mas também político e estético da situação social e de seus respectivos sistemas de posição, de modo que se associa intrinsecamente, no entender do morador de João Pessoa – PB, a noções de moralidade, violência urbana, ética, política e cidadania, tanto em seus aspectos positivos e legítimos como em seus formatos sociais tidos como abjetos e interditos. **Palavras-Chaves:** sujeira, interditos, disputas morais, cultura emotiva, João Pessoa – PB

Este artigo¹ busca compreender as representações sociais sobre a sujeira na cidade de João Pessoa, Paraíba². Parte do pressuposto de que não são apenas as

regras e as normas de conduta de uma sociabilidade que abrangem o campo das representações sociais, mas como os atores sociais individuais e coletivos as percebem, as aspiram ou as denunciam enquanto práticas sentidas ou experimentadas no cotidiano de uma sociabilidade, e que contribuem para a construção de modos e estilos de vida e de condutas morais. Alvo de disputas e de

¹Uma versão inicial deste artigo foi apresentada no *III Encontro Internacional de Ciências Sociais – Crise e Emergência de Novas Dinâmicas Sociais*, entre os dias 8 a 11 de outubro de 2012, em Pelotas – RS.

²Faz parte de uma pesquisa maior que analisou o significado de sujeira em seis capitais de estados brasileiros. Além da cidade de João Pessoa, as cida-

des de Recife, Belém, São Paulo, Curitiba e Brasília (KOURY, 2011, p. 51-80).

formas diferentes de apreensão do real interpreta a realidade e suscita a adesão a determinados sistemas de valores e motiva a ação. O uso de tal pressuposto possibilita compreender aspectos relevantes do ethos e da visão de mundo destes atores sociais, e, também, como suas formas de enquadre da situação (GOFFMAN, 2012) são articuladas em projetos individuais e coletivos.

Busca, assim, compreender como se entende, interpreta, discursa e julga e, ao mesmo tempo, sente, aspira e atua a realidade vivida a partir das experiências cotidianas, através da *sujeira* como categoria de análise e reflexão. Este artigo elenca as principais categorias êmicas e representações sociais levantadas sobre o que os moradores de João Pessoa consideram *sujeira*, e discute a importância desta noção para o entendimento de como são apreendidas ou denunciadas, enquanto exercícios sentidos ou experimentados no cotidiano, e que colaboram para a modelagem de modos e estilos de vida e de condutas morais.

A questão do que é *sujeira* passa a construção teórica das Ciências Sociais. O lidar com o que é puro ou impuro está presente nos clássicos e na atualidade da sociologia e antropologia das emoções e da moralidade em análises, por exemplo, sobre pureza e perigo (DOUGLAS, 1976); sobre a vergonha (ELIAS, 1990 e 1993); sobre o estigma e os processos de embaraço e constrangimento (GOFFMAN, 1967; 1988); sobre o declínio do homem público e sobre as lesões ocultas de classe (SENNETT, 1998; 1972); sobre a distinção (BOURDIEU, 2007); sobre o pudor e suas correlações com as classificações sociais, entre outras.

Sobre a pesquisa

Durante o ano de 2009 foi realizada uma pesquisa do tipo enquete com o objetivo de saber as representações sociais sobre *sujeira* para a cidade de

João Pessoa. Os indicadores analíticos levantados sobre os costumes e sobre medos, receios e anseios, tornaram possível ao pesquisador traçar um quadro compreensivo sobre as experiências, reflexões e comparações emitidas e acionadas por uma temática específica: no caso, o que é *sujeira*.

Foram aplicados 60 questionários contendo, além de informações socioeconômicas de caracterização dos entrevistados, duas questões abertas: *o que era sujeira* e *o que era indicado como sujeira*. Tem-se por pressuposto analítico que nas representações sociais emitidas configuram não apenas as normas, preceitos e procedimentos que regulam práticas sociais e condutas, mas, também, instâncias afetivas e estéticas que contribuem para a conformação e andamento das ações sociais e das visões de mundo dos informantes.

As categorias êmicas levantadas foram submetidas a uma classificação síntese, resultando em três categorias gerais: *Moralidade, Violência Urbana e Ética, política e cidadania*. Interessa, a este artigo apresentar e compreender as três categorias indicadas no âmbito da cultura emotiva e dos códigos de moralidade locais, tendo em vista a discussão sobre *sujeira* e sociabilidade.

Uma análise das categorias

Toda análise que se debruce sobre *sujeira* têm por base uma reflexão das relações entre a ordem e a desordem e entre os aspectos positivos e negativos do processo de criação e integração social. Processos que envolvem o binômio limpo e sujo, puro e impuro, os silêncios ou silenciamentos, e os discursos mortos e esquecidos ou subsumidos na lógica hegemônica social (KRISTEVA, 1986), que podem ampliar conceitos, revisá-los e integrá-los à ordem, em uma subversão de identidade, onde se acomoda a outrora desordem à lógica contemporânea da ordem.

Estudar o comportamento e as representações sociais sobre sujeira leva à reflexão e à compreensão do desenho da sociedade e da cultura e às mudanças de comportamento e nos costumes, e dos medos e receios enfrentados na cotidianidade de um espaço social dado. Mais de 50% dos 60 informantes da pesquisa indicaram a categoria de *Moralidade* (58,4% das respostas) em seus esforços de refletir sobre *sujeira*, seguida das categorias de *Violência Urbana* (25%) e *Ética, Política e Cidadania* (16,6%). Em uma comparação por sexo, a categoria *Moralidade* obteve um índice maior de respostas femininas (33,4%) em relação às masculinas (25%); a categoria *Violência Urbana* teve um percentual de 15% de respostas para o sexo feminino, contra 10% para o masculino; e a categoria *Ética, Política e Cidadania* com um índice igual de sugestão entre os dois sexos, ambos com 8,3% das respostas.

Uma apresentação de cada categoria se faz, agora, necessária.

Moralidade

A categoria de *Moralidade* engloba noções que vão da falta de higiene; da imoralidade, da falta de decoro e pornografia; das estigmatizações e preconceitos, até uma discussão travada no âmbito da falta de confiança que compreende desde a noção de gente fraca e sem caráter até às questões da traição. A análise da categoria *Moralidade* destaca o campo simbólico do puro-impuro, da limpeza-sujeira: dualidades extraídas de um conjunto de classificações que remetem à sujeira, à desordem, à desorganização, à mentira e à perversão.

Os significados de *sujeira* falam da falta de limpeza à sordidez; de algo manchado e maculado; de infecção e contágio; até a referência a algo com incorreções ou emendas. Em um contexto físico, a noção de *sujeira* ganha o sentido de um horizonte brumoso e mal definido. Em termos figurativos, sujeira

tem o significado de algo ou alguém que contém informações inconvenientes ou prejudiciais; bem como sinaliza o indecente, indecoroso e imoral. Afirmar uma pessoa indigna, desonesta sórdida ou canalha.

O emprego da palavra, entre os entrevistados, parte do receio de perder a confiança de alguém: “*ficar sujo com alguém*”, até o sentido de alguém desmoralizado e que perdeu o crédito e em alguém em quem não se pode confiar: como na assertiva, “*o cara tá sujo*”, ou outras do mesmo sentido. Contém ainda uma concepção relacional: “*rir-se o sujo do mal lavado*” ou “*rir-se o roto do esfarrapado*”, onde se zomba de alguém por falha que também lhe é própria. Em muitos casos, inclusive, chega a comparar a sujeira ao diabo, demonizando o outro ou a coisa considerados sujeiras.

A ação de sujar, assim, tem o sentido de tornar-se sujo e, ao assim fazer, emporcalhar. A ação não apenas atinge o próprio indivíduo, mas possibilita a contaminação, infectando ou poluindo o ambiente e o outro ao redor. O objeto, o indivíduo ou a instituição indicado como sujo torna-se não confiável, porque comporta o impuro e a impureza, que corrompe o espaço, o tempo e as relações ao seu redor. Assim, corromper, perverter, depravar faz parte da ação de sujar, de alguém ou algo que comporta sujeira. Esta ação mancha e retira da ordem, denigre e profana, em si, tudo o que toca ou que se encontra em volta.

O simbolismo religioso está repleto desta dualidade, como parte da trajetória do sagrado e os compromissos dos homens para com ele; a literatura médica, também, coloca na relação toda uma discussão sobre o contágio e a transmissão de doenças, criando regras e códigos de conduta que procuram barrar a contaminação do ambiente e dos outros (impuros ou tocados pela impureza). As ciências sociais estudam estas representações da dualidade mostrando

a construção social e cultural por trás das práticas, e demonstram a sujeira como um elemento de estratificação social.

As noções que compõem a categoria de *Moralidade* são divididas em dois grupos. O primeiro diz da *sujeira* física do corpo e do ambiente: a falta de higiene e os fluidos (escarros, excrementos, saliva, sangue, urina, lágrimas, cheiros, etc.); o segundo, fala do caráter, e se encontra presente nas perversões, fraqueza pessoal: preguiça, cansaço, falta de vontade, e a falta de confiança: traição, mentira, desonestidade, etc.

Os aspectos associados a esta categoria dão ênfase, sobretudo, à *falta de higiene*, nos aspectos da falta de higiene corpórea e doméstica³, mas, também, estendida à sujeira da cidade: cidade mal cuidada, com esgotos vazando em vias públicas, lixo urbano acumulado pelas praças e ruas, ou seja, a indicação de falta de higiene está relacionada também com a falta de cuidado público com a cidade e falta de educação da população, que não cuida da cidade⁴: quebram equipamentos coletivos, “*joga lixo por todos os cantos*”, picham paredes, muros e equipamentos coletivos, e

ajudam a enfeiar e “*emporcalhar*” a cidade⁴. Dividindo por sexo, as 45,7% das indicações para falta de higiene, 17% foram indicações masculinas, contra 28,7% de femininas.

A questão da *Falta de Confiança*, como uma noção pertencente à categoria *Moralidade*, teve indicações de 40% dos respondentes. Esse elemento moral: a falta de confiança revela o que estudos do autor sobre as transformações recentes vividas em João Pessoa, nos últimos quarenta anos, vêm apontando; o crescimento da cidade veio acompanhado de uma perda progressiva nos laços de confiabilidade entre os habitantes, principalmente entre pessoas com mais de quarenta anos⁵, que acompanharam esse processo não só nos aspectos físicos, mas, especialmente, relacionados aos aspectos comportamentais da cidade (KOURY, 2003; 2008; 2009; 2010). O enfraquecimento da pessoalidade, dos laços de confiança e de pertencimento nestas últimas décadas, ocasionou uma visão mais pessimista sobre as mudanças nos costumes e hábitos da sociedade local, ampliando a visão da cidade através dos aspectos morais de estranhamento e da desconfiança no outro (Koury, 2001), e relacionados à quebra e à dissolução de laços pessoais, da mentira e da traição, do “*ninguém mais acredita em ninguém*”, do “*os laços entre as pessoas tornaram-se desgastados, hoje se fica com um... amanhã com outro...*”. As narrativas reforçam a fragilidade dos laços de uma sociabilidade “*sadia*”, e comentada a partir de um ideal de passado perdido e estranhado com a rapidez dos acontecimentos que levaram a configuração de uma nova João Pessoa.

³Para Barbosa (2006) e Fleischer (2002), a noção de sujeira é diferenciada em *sujeira física* e *sujeira simbólica*. A sujeira física tendo, em si, o próprio significado do que é considerado impuro, e a sujeira simbólica, representa o imaginário social sobre o considerado impuro (sujeira física) e as formas de controle cultural e social sobre ele.

⁴De acordo com Forty (2007, p. 221), reformadores e higienistas utilizaram dois conjuntos de argumentos nas campanhas para a melhoria dos padrões de limpeza. O primeiro recorria à razão e se baseava em critérios científicos, caso da ordem médica e os perigos de contaminação causados pela falta de higiene e doença. Este primeiro argumento atingiria a arquitetura na necessidade de ambientes claros e de formas precisas que exalasses funcionalidade e asseio, bem como um conjunto de ordens sociais de controle do impuro: ampliação de vias públicas; disciplinamento das casas; combate à doença e a insalubridade; desqualificação do saber popular sobre higiene e saúde; criação de espaços exclusivos para os mortos: os cemitérios; comparação da pobreza à sujeira e delinquência; criação de asilos de mendicância, entre outros. O segundo argumento era, sobretudo, de ordem emotiva, e estimulava os sentimentos de ansiedade e culpa em relação à sujeira.

⁵Muitos jovens e adultos com menos de quarenta anos respondentes à pesquisa, remete a noção de falta de confiança como um caminho para se pensar o que é sujeira na cidade, e trazem argumentos parecidos aos que a remetem para um passado vivido e não mais recuperado, associando a noção da falta de confiança à quebra de laços sociais e ao individualismo crescente na cidade.

Este mesmo ideal perdido faz os entrevistados levantarem problemas referentes à *sujeira* como elemento simbólico representacional do comportamento urbano na cidade, ao remeterem à questão da moralidade à noção de imoralidade⁶; esta última parte dos hábitos da cidade em que vivem, e que levam a uma comparação saudosista da cidade onde viveram:

moças e rapazes não mais namoram, e logo estão em relações íntimas, sem ligar para o que a sociedade pensa”, [não existe mais respeito] “com os valores da família”, [a] “imoralidade toma conta das relações, as famílias e as pessoas de fé ficando à mercê de comportamentos que não condizem com os de uma comunidade sadia⁷,

quebrando uma possível harmonia social e causando desequilíbrio e a desordem estrutural nos processos comportamentais da cidade.

Um dos aspectos mais gritantes e associados com a categoria *Moralidade* trata daqueles pautados no rol de *estigmatizações* e *preconceito* e apresentam questões relativas à homossexualidade, à pobreza e ao preconceito étnico. 16,7% dos que significaram a categoria *Moralidade* a veem como *sujeira*, diluída nas três noções que incorporam a categoria: entre a questão de higiene, da imoralidade e da falta de confiança.

A noção de estigmas e preconceito revela a formação de marcas sociais graves, que veem os outros como fora dos padrões classificatórios da cultura de que fazem parte. Dentro de uma relação *sujeira-limpeza*, puro-impuro, estes estigmas se constituem em marcas que procuram naturalizar e impor mo-

dos de agir e posturas sociais e culturais através do qual fabrica o outro como alguém fora do lugar; como um desclassificado social, como um ser de segunda categoria, ou mesmo, nas formas mais radicais de comportamento, como um não ser.

No caso da homossexualidade, a aversão aos que a praticam é visto através da desordem causada no sistema classificatório macho-fêmea, causando ansiedades. Estas estigmatizações e o medo do perigo das situações que não se encaixam nos sistemas classificatórios ideais, parecem por a pessoa em constante tensão, daí a tendência a isolar o elemento da desordem e impor a ele atributos de demonização, como produtos de forças malignas, impondo uma eterna vigilância.

Em uma cidade em rápida mudança como João Pessoa, os espaços de identificação da hierarquia macho-fêmea se fazem sentir no crescimento da homofobia, mas, estranhamente, há uma relativa tolerância ao macho (hetero) que se veste de mulher em momentos festivos; bem como com relação ao lado festivo da *viadagem* ou das *bichinhas*⁸, claro, “*desde que elas se coloquem no seu lugar*”, isto é, em uma espécie de limbo onde não reivindicuem inclusão social, nem busquem quebrar os limites classificatórios do entendimento do gênero.

“*Elas lá e nós cá*”, afirmou outro informante, que diz que gosta de ver

“as *bichinhas* desfilarem em frente do meu ponto de ônibus, quando volto para casa no final do expediente”.

Ou, como afirma outro,

“gosto de ver essa *viadagem* na televisão, imitando cantoras, sorridentes, umas verdadeiras artistas... Acho mesmo que é lá, do outro lado do vidro da televisão que elas deveriam

⁶Com 14,3% das indicações que sugeriam a categoria *Moralidade* como um dos principais aspectos de *sujeira* nas relações socioculturais da cidade. Sendo estes compostos por 5,7% de indicações masculinas, contra 8,6% das femininas.

⁷Depoimento de uma senhora de 55 anos, católica de nascimento e convertida a Assembléia de Deus, moradora do bairro nobre de Tambaú, em João Pessoa.

⁸*Bichinha* e *viadagem* são termos muito usados no vocabulário popular brasileiro para designar o homossexual masculino individual ou em grupo.

permanecer, como artistas inatingíveis, deusas. Mas isso não acontece. Elas são homens, e como tal ameaçam a nossa própria integridade moral”.

Nessa altura o discurso caminha a passos largos para o preconceito e aversão, simbolizando o lado diabólico do homem-mulher e a desordem provocada por essa desorganização.

A maior parte dos que informaram a homossexualidade como *sujeira* advoga o isolamento e a rejeição daquele que se *desvirtua*. Muitos dos entrevistados creditam a desordem provocada pela homossexualidade aos males contemporâneos, entre eles a AIDS é apontada como produto gay, bem como a “*degeneração dos costumes sociais na cidade e no país como um todo*”.

A questão do preconceito étnico, porém, só apareceu de forma fragmentada. O preconceito contra os negros aparece como a indicação mais precisa de estigmas sociais e são motivos de chacotas e piadas de mau gosto, do tipo “*negro quando não faz na entrada, faz na saída*” e outras, e são indicados como desordeiros e como sujos e marginais em potencial. São vistos como elementos de desordem e perigo, principalmente, se além de problemas étnicos apresentarem a questão da pobreza em seu currículo. Se ricos, ou de classe média alta, a questão da etnia deixa de ser significativa, passando a haver certa tolerância em aceitar a diferença no ambiente social e mesmo familiar.

A categoria *pobreza*, assim, funda o grande hiato entre os respondentes, e aparece ligado ao estigma de classe. Os pobres e, sobretudo, os mendigos, são considerados sujos, sem educação, sem acesso aos códigos de higiene e enfeiam e “*emporcalham*” a cidade. São ameaçadores em si, vistos como marginais e ladrões, e provocam medo e receio na população. São vistos como drogados, maltrapilhos, que surgem de

repente nos sinais de trânsito pedindo dinheiro ou assaltando.

São pessoas não confiáveis, abjetos, elementos estranhos estabelecidos pela extrusão e que devem ser mantidos sob rígido controle social, para não avançarem sob o organizado e ameaçarem os cidadãos. A *pobreza* não é vista através da cidadania, mas, ao contrário, como elemento da desordem e da fragmentação social. Como disse um entrevistado:

“Eu tenho pena das crianças, mas é uma pena de uma criança geral, não aquela que está ali, com um vidro de cola, drogado, na minha frente. Dessa eu corro, como corro do seu pai, da sua mãe, de quem lá que seja...”⁹.

Vistos como bandidos, através da ótica do medo deque “*vai chegar o dia em que essa gente vai nos por sob controle...*”, a pobreza urbana é estranhada, e sobre ela paira o desejo de retirá-la do corpo social, afastando o perigo.

O apontar a *sujeira* por meio de aspectos morais, associados à desordem que ela provoca, como falta de ordenação, causa desequilíbrio nos indivíduos em relação e no todo social. A falta de educação e da conformação do caráter demonstra a preocupação com a desordem e dos riscos com a saúde provocados pela falta de higiene doméstica e da cidade, denunciando ou conformando em preconceitos. Do mesmo modo que o elemento de *sujeira*, apontado nos atos obscenos fala da sociedade que não põe limite à exposição dos corpos e das perversões, fala da desordem e dos perigos inerentes a se viver em uma *época* onde

⁹Ou como afirmou outro informante: “*vejo um maltrapilho na rua e fico trêmulo, confuso, com medo. Se houver um canto que eu possa atravessar, eu sigo, mesmo que aumente o caminho, pois me sinto mais seguro por não passar frente a ele...*”. Ou ainda nas palavras de outro: “*Acho que o governo deveria achar um jeito de por essa gente sob controle, pois vai chegar o dia em que essa gente vai nos por sob controle, o controle do medo. Como já existe por aqui...é só olhar em volta e ver; é só olhar os jornais e vê...*”.

“o respeito aos costumes e as tradições, ao bom comportamento e à família não mais existem”, como argumentou uma informante.

A categoria *Moralidade* aponta para a análise de Elias (1990; 1993) sobre a autodisciplina e a vergonha causada pela desordem do outro, de Sennett (1998) e Giddens (2004), que direcionam o olhar para o declínio do público e a ascensão da intimidade. Uma e outra indicativa de algo fora do lugar, que incomoda e que causa vexame, que enoja e causa vergonha e receio de contaminação.

O elemento físico da *sujeira* presente na categoria *Moralidade* direciona a reflexão dos informantes para a dimensão metonímica da sujeira sugerida por Lévi-Strauss (1970), apontando os que a cometem como *porcos*, como *imundos* e, na direção da perversão, de *amorais* e *permissivos*. São eles, quem a produzem, são eles os sujos, o que causam sujeira e poluem o ambiente, contaminando o ambiente ao redor e, pior, envergonhando e contagiando a todos, pois a sujeira, nesse momento, passa a ser representada na sua dimensão simbólica e generalizante: é a sociedade permissiva que fecha os olhos à falta de educação e à quebra dos laços da tradição, ocasionando uma fragmentação que atinge a todos: a sujeira produzida emporcalha não só quem a produziu ou consentiu, mas a todos.

Esse corromper simbólico, do ethos e da visão de mundo culturalmente estabelecidos que contamina o social, parece produzir um sentimento de impotência em cada indivíduo, o que aumenta o receio de contaminação e o medo de relacionar-se, ocasionando um sentimento de reserva pessoal e uma ampliação do isolamento pessoal ou familiar, e provoca o crescimento de uma aversão sobre aqueles causadores da sujeira. O nojo incitado parece ser pertinente a emoções, comportamentos ou impressões que causam vergonha e

pudor: as funções de excreção e sexuais do corpo humano (CONY, 2005, p. 52). A categoria *Moralidade*, como *sujeira*, traz em si uma espécie de reação que condena qualquer pessoa, objeto ou idéia que seja capaz de confundir ou contradizer as classificações tidas como ideais e colocadas no plano de um passado fantasiado como *melhor*, mas perdido e sem retorno.

A cultura daí emergida funda e refunda as disposições erigidas por um código de condutas morais e éticas, que visam a assegurar a harmonia, o bem estar e as sempre instáveis relações dos homens com os elementos da natureza e do sobrenatural. Criam códigos de pureza, de purificação e separam em graus variados os diversos tipos de puros até o mais impuro e sujo existente. Pureza e sujeira, assim, são dois elementos de uma mesma relação. Dispostos, porém, em campos hierárquicos opostos, se encontram em eterna tensão pela possibilidade de um intervir no outro: na ação de purificar o contaminado, ou na ação de contaminação do puro. A ordem e a organização social estão no equilíbrio entre as duas esferas.

A sujeira como contraponto da pureza se encontra no reino da desordem, da desorganização social. Conduz a uma idéia imaginária de evitação e de impedimento: do que deve ser evitado. É vista como algo do reino da feiúra, do abominável, e que deve ser impedido e excluído. O sujo é aquele que provoca medo, receio. O apenas olhar a sujeira provoca sentimentos de nojo, de enjojo e receio de contaminação. As ideias de poluição e contágio trazem em si o desejo de contenção, controle e, até, extermínio.

As representações sobre sujeira criam campos de entendimento e visão de mão dupla: a *visão preconceituosa* que vê o outro, o contaminado, como alguém que deve ser isolado ou excluído; e a *visão envergonhada*, que compreende e enxerga o outro através de si

mesmo, como consequência da falta de um atributo que também é seu, e que deve ser escondido do olhar de um terceiro, ou procurado meios para a sua superação. Elias (1990 e 1993), em seus estudos sobre a conformação dos costumes na sociedade alemã a partir do século XVIII, demonstra as bases de atribuições de novos costumes e as formas como os antigos costumes foram depreciados como sujeira, no processo de individualização crescente da sociedade alemã do período. Mostra, ainda, como esse processo se fez pela interiorização da disciplina e do aumento da vergonha, com movimentos de afirmação da pessoa e do julgamento moral de si próprio e dos demais.

A *sujeira* vista através da vergonha, então, era sentida como um problema pessoal de cada indivíduo, não apenas no olhar para si próprio, mas e principalmente no olhar para o outro. O controle social, desta forma, se colocava entre o indivíduo e o outro, através da vergonha e da exposição. Tudo era permitido, desde que em uma intimidade pessoal ou compartilhada, nunca pública. No público, a exposição de uma intimidade não condizente com o social e culturalmente desejado se transformava em abjeção, em punição, em risco de contaminação, em desordem.

Sennett (1998) segue e amplia esta análise e coloca a individualidade resultante do crescimento da esfera da intimidade como um declínio acentuado na sociedade ocidental do homem público, provocando dois processos antagônicos e simultâneos: o aumento da vergonha de exposição em público, e um aumento do controle da desordem e da contaminação proveniente das esferas do considerado sujeira; e um desenvolvimento enorme do reino das perversões, enquanto possibilidade de ação pessoal ou compartilhada no consentido, e da curiosidade de verificação do outro, do íntimo através do buraco da fechadura.

O abjeto passa assim por uma mão dupla: o medo da contaminação e a busca do controle sobre ele; e o olhar curioso, que busca flagrar o outro em situações constrangedoras em ambientes íntimos. Ou, ao mesmo tempo, fazendo condenar aqueles que ousam expor-se em público e, simultaneamente, exibindo-se se pressentir que alguém o olha disfarçadamente. O público, deste modo, se coloca como prisioneiro do privado, e como tal, se fragmenta e é apropriado pelo espaço da intimidade: ampliando as bases do individualismo, e subsumindo o sujeito à esfera do desejo, e da ampliação do sentimento da vergonha. Da ação envergonhada sobre seus próprios atos e da própria sociedade que o cerca.

Simmel, em seu texto *A tragédia da cultura* (1998) dá as bases teóricas iniciais que orientariam posteriormente a análise de Sennett e Elias. Goffman (1967), perseguindo os caminhos inspirados na análise simmeliana, estuda os processos de interação ritual e apreende as relações entre os indivíduos como executadas e preenchidas por um ritual de conveniências e convenções sociais, onde o um e o outro respondem a sinais esperados no decorrer do processo interativo: desde a forma de sentar, os gestos, as expressões e ruídos corporais e da face, até o expresso pela fala fazem parte de uma ritualística que se falha causa no outro constrangimento e, simultaneamente, constrange o outro da relação. A falha desorganiza e é considerada como algo que provoca *sujeira* ou suja o ambiente, e pode, em determinadas situações, contaminar todos os presentes.

O processo de desorganização, causado pelo constrangimento, afeta as relações entre os parceiros da conversação, podendo o que falhou ser desculpado ou mesmo expulso e evitado de novas possibilidades interativas. O ritual poluído indica situações de desordem que desorganiza todo o ambiente, e

o contamina. Em um estudo sobre o estigma, Goffman (1988) vai mais além, e revela que a desordem não só se coloca nas formas de se comportar e nas formas de se expressar, mas também em situações onde o outro da relação possui algum traço que o diferencia negativamente perante o parceiro ou parceiros da relação. Coloca também aspectos diretamente ligados a costumes e moda: o de não estar vestido de forma condizente, e o de não possuir um vocabulário harmônico com o ambiente em que se encontra; em outros exemplos fala de aspectos sociais ligados à esfera econômica: como ser pobre ou aparentar pobreza, ou ser de uma classe social considerada inferior a do ambiente em que se encontra etc.

O constrangimento pode transformar o ambiente em um meio hostil, pondo o fim na relação encetada, chegando até ao isolamento ou a expulsão do constrangedor; ou mesmo, adquirir formato de humilhação àquele que constrangeu com o seu diferencial, servindo de chacota e piadas entre os pares. A *sujeira* e a convivência com a sujeira provocam um sentimento moral de rejeição que, indo ao extremo, leva à busca de exclusão ou de extermínio do agente contaminador, ou provoca vergonha ao ambiente que o recebeu. Do mesmo modo, no indivíduo possuidor de algo considerado diferente e visto como desagradável, provoca um sentimento de humilhação, de acovardamento, de vergonha pessoal por ser possuidor de algo que constrange o outro, ou de não se encontrar a altura do outro ou outros da relação. Vive em permanente culpa de não ser igual, e sua baixa estima o faz se sentir inferior.

Simone Weil (1979) em seus estudos sobre a opressão e a condição operária relata o processo de vergonha que acompanha o ato cotidiano da pobreza operária, e fala do sentimento interiorizado da falta de direito e da sensação de não ser digno. Esse estado

limite de emoção reflete sobre o sentir-se impuro, sujo, indigno, incapaz ou diferente no espírito de quem assim se sente, e dá o direito àqueles que o acham, de atribuição de um estigma social. Conceito moral produzido socialmente que objetiva algo ou alguém que não é limpo, em todas as suas acepções.

Violência Urbana

A associação entre pobreza e crime acompanha as sociedades ocidentais de longa data. No Brasil, desde o final do século XIX, com o final da escravidão, a necessidade de conter um contingente de trabalhadores livres, em número crescente, que aportavam nas cidades, levou a todo um processo de formação de leis que objetivavam a disciplina e o controle social, moral e higiênico das classes trabalhadoras. Novos controles prisionais, orfanatos, abrigos de mendicância, registros profissionais como controle e garantia do pobre trabalhador, entre outras formas de contenção, são produtos desta fase de consolidação do capitalismo no ocidente e no país.

No século XXI esta associação tem provocado novas formas de reconfigurações sociais nas cidades. Caldeira (2000), ao estudar as transformações na cidade de São Paulo, aponta para a crescente fragmentação dos laços sociais entre cidadãos e pobres: considerados como os fora de lugar na ordem classificatória social, e vistos pela via da desordem, como bandidos em potencial.

Ferraz (2001), estudando as formas de morar nas cidades brasileiras, analisa a intensificação do medo de morar nas cidades e a arquitetura resultante da relação entre violência e pobreza. Para ela, o estreitamento da relação pobreza e violência é um fato construído pela mídia, capaz de produzir a sensação crescente de insegurança e medo das elites em relação ao pobre, e tem contribuindo para uma maior segrega-

ção social e física e para o crescimento do mercado de proteção.

Souza (2008, p. 54) discute a relação entre medo e cidade, e sobre o sentimento de insegurança que compõe o cenário das cidades no Brasil. Afirma que esse sentimento toma conta de todos e é

“como se a ‘geografia do medo’... [se deslocasse] da incidência objetiva dos crimes violentos, [e] se superpusesse à ‘geografia da violência’... [provocando] um medo generalizado... matizado de acordo com a classe, a cor de pele, a faixa etária, o sexo e o local de residência, [que] toma conta de corações e mentes”.

Esse medo generalizado recondiciona hábitos de deslocamento e lazer, influencia formas de moradia e modela discursos padrões sobre a violência, que reascende, amplia e consolida o próprio medo no íntimo de cada habitante.

Entre os entrevistados a categoria *Violência Urbana* está associada às relações de estigma tratadas na categoria *Moralidade* e, principalmente, às ilações que remetem para a noção de pobreza e sua demonização e desfiguração social, que veem pobres e mendigos como sujos e como bandidos em potencial. Esta categoria responde por 25% dos informantes, que a indicaram como uma representação de sujeira: sendo 15% de mulheres, contra 10% dos homens.

Muitos relatos são claros na relação entre pobreza e violência, e no medo e no sentimento de insegurança sentidos, mesmo no interior dos lares. Uma entrevistada fala do pânico diário de sair de casa, depois que ficou “*presa no meio de um tiroteio entre polícia e moradores da favela próximos*” a sua residência. Outro informa sobre sequestros relâmpagos que assolam a cidade,

“onde qualquer um pode ser vítima, e se não tiver dinheiro, pior, é morte certa. Não tem pai de família que não fique aperreado com os seus [po-

dendo] passar por um horror desses...”.

Outra fala dos assaltos nos pontos de ônibus e nos parques da cidade, que a fazem ter medo de se deslocar a pé, e até de sair de casa:

“se eu não tivesse que trabalhar vivia trancada, sem sair pra nada. Pedia tudo por telefone ou internet”.

Outro relata que “*nunca fui assaltado, mas morro de medo*”, e conta que o vizinho teve um revólver apontado para a sua cabeça, na hora em que abria a garagem e, por sorte, o assaltante só levou o carro. Outro fala da insegurança de viver na cidade, com assaltos constantes e arrastões. Outro, ainda, comenta o gasto com segurança, e informa que o bairro onde mora, Cabo Branco, se transformou de um bairro pacato, onde todos se conheciam, em um lugar perigoso os moradores têm medo de sair de casa e vivem trancados em fortalezas, com muros altos, cheios de grades e apetrechos de segurança: “*vivo numa prisão, com medo até de botar o nariz pra fora de casa*”.

Todos os depoimentos narram o medo generalizado, que reforça a idéia de “*separação, purificação, demarcação e punição das transgressões*” (DOUGLAS, 1976, p.4). Os transgressores apontados como os pobres e bandidos, em uma correlação onde um e outro se misturam e torna-se um todo homogêneo e indiferenciado, como categorias excluídas da estrutura formal do poder e consideradas sujas, poluidoras e ameaçadoras.

Ética, Política e Cidadania

A última categoria indicada como algo sujo, fala sobre a *Ética, Política e Cidadania*, e trás no seu interior as noções de *Desrespeito ao Cidadão, Falta de Zelo com a Coisa Pública e Falta de Consciência Ecológica*. Os 16,6% de informantes que indicaram como sujeira a categoria *Ética, Política e Cidadania*,

a situaram em três grandes noções: a primeira remete ao Desrespeito ao Cidadão, com 8,2% das representações dos informantes da cidade; seguida pela noção de Falta de Zelo com a Coisa Pública, com 3,4% das indicações, e, por último, a noção de Falta de Consciência Ecológica, com 5% das indicações.

A cidade de João Pessoa tem uma aguda consciência ecológica travada na luta pela conservação das áreas verdes da cidade e sobre a proibição de construção de edifícios com mais de três andares nos quarteirões contíguos ao litoral. Os informantes que indicaram a falta de consciência ecológica procuram ligar a questão com o conceito de desenvolvimento sustentável, e elaboram críticas aos planos diretores da cidade e preocupação com o futuro da capital. Apontaram como sujeira a poluição do ar e dos rios, o desmatamento desenfreado, as queimadas, e o lixo acumulado nas encostas dos morros ou jogados nos rios e canais da cidade, bem como a luta contínua para assegurar uma orla sem espigões, sempre burlada pelo valor das áreas onde se situam os bairros mais elegantes da cidade, entre outros aspectos.

Associando a noção de *falta de consciência ecológica* com a de desrespeito ao cidadão, a primeira se interrelaciona com as indagações da segunda quando aborda a falta de saneamento e o esgotamento sanitário a céu aberto ou ligado clandestinamente aos rios e às praias, que levam ao prejuízo à população da cidade em relação ao lazer, à reserva de água potável e à saúde pública. Indicam ainda os gases poluentes, o mau cheiro da cidade, o chorume e os gases produzidos pelo lixo acumulado em depósitos de acolhimento sem nenhuma estrutura. Acusam os políticos de não se preocuparem com a questão, com prejuízo para a cidade e cidadãos que nela vivem. Remetem para a associação da falta de consciência ecológica

com a falta de zelo com a coisa pública e do desrespeito aos cidadãos.

A noção de *Falta de Zelo* com a Coisa Pública fala contra a falta no Brasil de ética na política e na administração pública. Os informantes comparam a política praticada por políticos profissionais no país à sujeira, e apontam elementos como a corrupção ativa, o desvio de verbas, a má aplicação dos recursos públicos, o descaso com as políticas públicas no país, principalmente as ligadas à questão da fome e da educação e saúde e ao controle da criminalidade, associando ao desvio de verbas e ao legislar e agir em causa própria.

Esta noção remete a política à politicagem, e aponta os escândalos que a sociedade brasileira e a paraibana vivenciam: o de desvio de verbas públicas, o *mensalão*, a *operação vampiro* e outras¹⁰; ou como subornos, contratações ilícitas, enriquecimentos rápidos e inexplicáveis de políticos, e uso da máquina pública para cabide das mais diversas práticas abusivas de beneficiamento pessoal ou familiar; ou ainda, como o eterno acabar em *pizza* das CPIs, os partidos como cabides de interesses estratégicos para uso pessoal, a falta de ética como fundamento partidário, entre inúmeros outros, como males do Brasil contemporâneo. Males apontados como a prática da política no Brasil, e que levam os informantes a expressarem o *nojo* que sentem da política e dos políticos, considerados, “*como um bando de porcos no chiqueiro, quando aparece alguma lavagem*”¹¹.

A noção de *Desrespeito ao Cidadão*, por outro lado, engloba respostas associadas à cidadania e à qualidade de vida dos habitantes da cidade, liga-

¹⁰Estes termos aludem a escândalos político-midiáticos que marcaram fortemente o imaginário do cidadão brasileiro, associando a atividade política à noção de sujeira discutida no presente artigo.

¹¹Nome dado à mistura de restos de comida com que são alimentados os porcos criados em fundos de quintais.

das a problemas de saneamento básico, de esgotamento sanitário, de falta de estrutura de transportes públicos, das condições das vias expressas (calçadas, ruas, avenidas, estradas), da carência de iluminação pública, da condição de higiene da e na cidade, entre outras queixas. Esta noção se encontra associada com a da *Falta de Zelo* com a Coisa Pública, com comparações depreciativas da política legislativa e executiva do país, como no testemunho de um informante insatisfeito com a falta de estrutura urbana do seu bairro alvo de promessas de melhoria por um vereador que recebeu muitos votos dos moradores de lá:

“pois é: os políticos são como gatos de rua, só aparecem quando querem se eleger, depois esquece o eleitorado”.

Afirmção que sintetiza boa parte das mágoas com os políticos e trás embutida outras que se dirigem ao poder executivo. Embora revelem ainda a mentalidade clientelista, da relação político / eleitor.

Promessas pessoais durante a campanha e depois esquecidas são apontadas, aumentando a descrença no voto e aproximam a prática política da noção e sentimento de podridão, e que olham o político como aproveitador, e a política como sujeira. A grande maioria das respostas, porém, reside no descumprimento de promessas de campanha para melhorias na infraestrutura urbana, a partir do próprio bairro do eleitor.

Outro núcleo de indicações do desrespeito ao cidadão fala de problemas gerais que atingem os moradores: a coleta do lixo na cidade, os problemas de transporte urbano, a falta de infraestrutura de estradas, avenidas e ruas, dificultando a circulação de automóveis e pessoas, aumentando o número de acidentes de trânsito e o tráfego diário das vias públicas. Outro conjunto de respostas narra a falta de policiamento nas

ruas, a falta de iluminação pública, dificultando a circulação de pessoas, e geradoras de medo. Outro aspecto indicativo da política como algo que dá nojo, fala da saúde pública e das dificuldades do seu uso e do desaparelhamento dos hospitais e postos de saúde; da educação formal e do enfraquecimento da escola pública; falam ainda do distanciamento salarial dos políticos profissionais, e de outros poderes, em relação ao salário do trabalhador comum, entre outros aspectos.

Outro núcleo de indicações fala da violência como um comércio e uma indústria do medo. O que mostra a associação da política e do desrespeito ao cidadão, com relação ao trato da violência pela *res publica*, isto é, como uma coisa do povo. Indicam os políticos como os responsáveis pelo acirramento da violência no país, não por falta de recursos aplicados, mas pelo desvio destes recursos, seja em propaganda, seja por outras formas: despreparo das forças públicas, falta de policiamento estratégico, desinteresse real da questão, embora com aparente interesse da eterna fonte de recursos para estimular este comércio e indústria nos municípios, estados e país, ampliando a cultura do medo entre os cidadãos.

Esta categoria mostrou-se importante ao revelar como a população vê e sente a política no país através dos seus políticos profissionais. A falta de ética, o uso pessoal e partidário da máquina política, o desrespeito ao cidadão, são apontados como problemas estruturais que levam a descrença do eleitor para o destino de seu voto:

“em qualquer político novo ou antigo que se vote, ele assumiu o poder vira um safado igual aos demais que só pensa no seu bolso e no seu benefício”.

sintetiza uma informante, e o faz ver a política como algo sujo. Mostra também o clientelismo atrás das reclamações dos eleitores e, indicam também um lado

trágico desse desordenamento¹²: a descrença da política e a anomia produzida por este ceticismo, bem como, uma visão da política como um lugar onde “o sujeito, se tiver rebolado, pode se dar bem”.

Dados constrangedores que demonstram o imaginário social do jeitinho pessoal (DaMATTA, 2001) sobre a forma de ser do brasileiro. Ou da expressão popular: “rouba, mas faz”, como forma-síntese do político que se dá bem, mas também executa obras, tão comum à política nacional. Em várias respostas o argumento era ampliado com a indicação do “voto porque sou obrigado”, e da intenção de votar nulo ou em branco, “pois todos os políticos, no fundo, são iguais”: o que equivale a desonestos e que só pensam em si; espelhando a desilusão com a política, com os políticos e com os poderes constituídos no país.

Conclusão

A noção de *sujeira* é uma categoria analítica importante para a reflexão e compreensão dos valores e atitudes que permeiam o comportamento social, bem como para o entendimento das representações sociais sobre o que é classificado e sentido como ameaça ao cotidiano das relações de uma sociabilidade dada. O entendimento de como os informantes apreende e denuncia a *sujeira* a partir dos significados e práticas experimentadas no cotidiano e na constituição de modos e estilos de vida e de códigos e condutas morais, demonstra a sua relevância para a reflexão antropológica e sociológica.

Valores, crenças e aspirações, medos, receios e esperanças que asseguram um modo de viver social, bem co-

mo identidades e objetivos, afinidades e desafetos, noções de semelhança e de dessemelhança, de pertencimento, de fronteiras e estranhamento são enunciados nos testemunhos relatados pelos entrevistados. Testemunhos estes que ampliam o leque de informações por onde pode se compreender o imaginário social em que se baseiam e de como ele se expressa em suas vidas cotidianas.

Tais elementos permitiram examinar as instâncias afetivas e estéticas, bem como as normas e preceitos que estão por trás, e que parecem servir como reguladores de formas de conduta e modos e estilos de vida dos entrevistados. O que permitiu a compreensão dos processos de coesão social, e de descontentamentos ou buscas de mudanças, enquanto práticas sentidas ou experimentadas no cotidiano.

Este artigo elencou as categorias sobre *sujeira*, e discutiu a sua importância para a construção cotidiana do sentir e agir social e cultural, e que colaboram para a elaboração de uma rede de significados que levam à configuração de condutas morais e modos de vida. Buscou ampliar a compreensão da atribuição de sentidos, interpretações e julgamento da realidade vivida, a partir das experiências cotidianas; e como a noção de *sujo* trás em si a ideia de uma ofensa contra a ordem e contra os valores sociais vistos idealmente como positivos, e de suas ambiguidades.

A noção de *sujeira* analisada pôs em relevo as correlações estabelecidas entre as estruturas do sistema social local e nacional e as formas mais ou menos explícitas de autoridade, com os elementos de poluição e infração que, com eles, interagem como tensão e como enfrentamento. No ângulo da moralidade, mostrou o sentimento de vergonha e da autoestima na indicação da *sujeira* no cotidiano, formando estigmas sociais, e objetivados na tradução de que algo ou alguém não é limpo, através de uma moral que classifica e desclassi-

¹²O que parece afirmar uma enquete realizada pelo Ibope em várias cidades brasileiras, publicada no *Jornal do Comércio*, Recife, de 20 de outubro de 2005. Esta enquete mostrou que 67% dos informantes afirmavam que, se estivessem no poder, fariam a mesma coisa que os políticos que lá estão: roubar e colocar a máquina política a seu favor.

fica os outros da relação. Do ponto de vista onde a ética espelha as classificações sociais ideais, por outro lado, o trabalho mostrou a importância da categoria sujeira para compreender como se explicam e apontam falhas no caráter dos políticos e nas instituições políticas e sociais.

Este artigo é um esforço para a compreensão da noção de sujeira na cidade de João Pessoa. Buscou-se apresentar os critérios de classificação e dos medos e receios indicados em relação ao outro relacional, social e culturalmente exposto; bem como apresentar a vivência e a expressão das formas de conduta, valores e costumes sentidos como semelhantes, ou anunciados como dessemelhantes e apreendidos como práticas distantes e não civilizadas, vistas pelos entrevistados como sujas e que causam asco. O artigo procurou mostrar as experiências, ansiedades, reflexões e comparações emitidas, traçando um panorama sobre como pensam a noção de sujeira, e a sua significação para a análise social.

Referências

- BARBOSA, Livia. Cultura, consumo e identidade: limpeza e poluição na sociedade brasileira contemporânea. In: Livia Barbosa e Colin Campbell (Orgs.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006, p. 107-138
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, Editora Zouk, 2007.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A cidade dos muros*. São Paulo: Editora 34 e EDUSP, 2000.
- CONY, Venus Brasileira. *Mural dos nomes impróprios. Ensaio sobre o grafite de banheiro*. Rio de Janeiro: Sete letras, 2005.
- DaMATTA, Roberto. *O que faz Brasil, Brasil?* 11ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 2001
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2 v., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990 e 1993.
- FERRAZ, Sonia Maria Taddei. *Arquitetura da violência: morar com medo nas cidades*. <http://br.monografias.com/trabalhos/arquitetura-violencia-cidades-contemporaneas/arquiteturaviolenciadadescontemporaneas.shtml>. (baixado em 10.6.2011) 2001
- FLEISCHER, Soraya Resende. *Passando a América a limpo. O trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo: Annablume, 2002.
- FORTY, Adrian. *Objetos de desejo. Design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo, UNESP, 2004.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual*. New York: Anchor Books, 1967.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª. Edição, Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Enraizamento, pertença e ação cultural. Cronos*, v. 2, n.1, p. 131-137, 2001.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da emoção. O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *De que João Pessoa tem medo?* Série Cadernos do GREM N° 06. João Pessoa: EdUFPB, 2008.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *O que é medo: Um adentrar no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba. Psicologia e Sociedade*, v.21, n. 3, p. 402-410, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade. Sociologias*, v.12, n. 25, p. 286-311, 2010.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Regras e códigos de conduta moral e ética: um passeio pelo imaginário urbano e pelas vivências, reflexões e comparações sobre a noção de sujo de homens comuns de classe média no Brasil Urbano do século XXI. In: Jonas Ferreira, Adrián Scribano (Orgs). *Corpos em concerto: diferenças, desigualdades, desconformidades*. Recife: EdUFPE, p. 51-80, 2011.

KRISTEVA, Julia. *The Power of horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *El origen de las maneras de mesa*. México: Siglo Veintiuno, 1970.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SENNETT, Richard; COBB, Jonathan. 1972. *The hidden injuries of class*. New York: Vintage Books.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. Jessé Souza e Berthold Öelze (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: EdUnB, p. 79-108, 1998.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Fobópole. O medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

On Dirt: Ethnographic reflections on the emotional culture and morality codes of the city of João Pessoa - PB

Abstract: This paper discusses the notion of *dirt* as an analytical category of emotional culture and morality codes of a specific sociality, in this case, the city of João Pessoa - PB. From a survey in six Brazilian cities, capitals of states, were produced ethnographic data about the ethos and worldview of the townspeople in relation to what they perceive, aspire and denounce as *dirty* and *dirt*. The ethnographic study can thus understand relevant aspects of moral dispute processes that characterize the construction of individual and collective projects in urban sociability of the city. The notion of *dirt* covers a fit not only moral, but also political and aesthetic of the social situation and their position systems, so that is associated intrinsically, in the opinion of João Pessoa's resident, to the notions of morality, urban violence, ethics, politics and citizenship in both its positive and beneficial aspects as in their social formats seen as abject and forbidden. **Keywords:** dirt, prohibitions, moral disputes, emotional culture, João Pessoa – PB

